



cineclube de faro

O que É > PROGRAMAÇÃO

CICLO SERRALVES – CINEMA CONTEMPORÂNEO

PROGRAMAÇÃO
O que Foi
O que É

Teatro Lethes, 22h, entrada livre

Dia 22

KITSUNE (O ESPÍRITO DA RAPOSA) /

KITSUNE (THE FOX SPIRIT), João

Penalva, 2001, 55'28"

Dia 23

**A STUDY OF THE RELATIONSHIP
BETWEEN INNER AND OUTERSPACE,**

David Lamelas, 1969

WAVELENGTH, Michael Snow, 1967, 45'

SPIRAL JETTY, Robert Smithson, 1970,
35'

Organização: Museu de Serralves / Câmara
Municipal de Faro

**KITSUNE (O ESPÍRITO DA
RAPOSA) / KITSUNE (THE FOX
SPIRIT)**

Dia 22

João Penalva, projecção de vídeo, cor,
som,, 2001, 55'28", em duas versões
(português e inglês), num total de 2 horas
de sessão (aprox.)

Kitsune (O Espírito Raposa) / Kitsune (The Fox's Spirit) (2001) - No folclore Japonês a raposa é símbolo da criação e transformação. Kitsune é uma reflexão sobre o olhar; sobre o que se vê, o que se esconde, o medo e o poder mágico da transformação. O texto original de Kitsune, escrito por Penalva em inglês, é o que surge como legenda do que parece ser um filme japonês. O artista recorreu a dois actores japoneses para a leitura e interpretação do texto. Penalva desafia e subverte o tempo e o espaço da narrativa, num filme em que texto e imagem conduzem a uma experiência reflexiva.



**A STUDY OF THE RELATIONSHIP
BETWEEN INNER AND
OUTERSPACE**

Dia 23

David Lamelas, 16mm, p/b, som, 24', 1969

Enquanto trabalhava em *Analysis of the Elements by which the Massive Consumption of Information Takes Place*, David Lamelas fez também este primeiro filme para *Environmental Reversal*, uma exposição organizada por Peter Varey, no Camden Arts Centre, em Londres. O filme analisa os dados arquitectónicos, sociais, infraestruturais, urbanos e de informação, climáticos e sociológicos dos espaços em torno da exposição, da instituição e da localização geográfica. Começando pelas instalações vazias da exposição, Lamelas apresenta uma descrição neutra e analítica, em círculos progressivamente mais amplos, de todos os objectos funcionais importantes, desde as tomadas eléctricas no espaço da exposição até à regulação do tráfego na cidade, a transmissão de informação pelos meios de comunicação social e, finalmente, as condições climáticas nos arredores de Londres. Termina filmando as reacções dos transeuntes à futura alunagem, o acontecimento mediático que, nesse preciso momento, une as nações do mundo através do ecrã televisivo. A obra adquire um sabor muito especial de auto-referência, ao ser filmada justamente neste contexto, no preciso momento em que o primeiro homem põe os pés na Lua.



WAVELENGTH

Dia 23

Michael Snow, 16 mm, cor, som óptico, 1967, 45'

Este filme é um *zoom* contínuo que leva 45 minutos entre o seu enquadramento inicial aberto e o final mais fechado. Foi filmado com uma câmara fixa num andar com 24 m de altura, de uma extremidade à outra extremidade, uma fila de janelas e uma rua. Por conseguinte, o cenário e a acção que se desenrola são cosmicamente equivalentes. O quarto (e o *zoom*) são interrompidos por quatro eventos humanos que incluem uma morte. O som nestas ocasiões é sincronizado: a música e a fala surgem ao mesmo tempo que um som electrónico, uma onda sinusoidal, com uma duração de 40 minutos entre a sua nota mais baixa (50 ciclos por segundo) e a mais alta (12.000 ciclos por segundo). É um *glissando* total, ao passo que o filme é um

crescendo e um espectro disperso que se esforça por utilizar os dons tanto da profecia como da memória que só o filme e a música têm para oferecer. - Michael Snow

SPIRAL JETTY

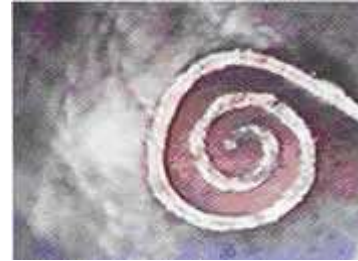
Dia 23

Robert Smithson, 16mm, cor, som, 1970, 35'

Spiral Jetty foi construído em 1970 em águas pouco profundas, na margem nordeste do Great Salt Lake, no Utah. A serpentina do molhe tem cerca de 450 metros de comprimento e de 4,5 metros de largura e é composta de rocha basáltica negra, cristais de sal, terra, água vermelha e reflexos solares. Na sua construção, usaram-se 6.650 toneladas de terra e seixos. O filme gira em torno da construção desta escultura de terra mas, mais do que um simples documentário, Smithson encarou-a como um projecto cinematográfico, entrecetendo as associações evocadas pela espiral e o tempo geológico.

A velha obsessão de Smithson pela espiral evidencia-se na imagem inicial de uma explosão solar, seguida de imagens tiradas de um carro que ora se dirige ora se afasta do horizonte, entrecortadas com imagens de páginas de livros e jornais rasgados e acompanhadas por comentários de Smithson acerca do tempo e de fragmentos perdidos na história.

Há panorâmicas e planos com movimento, filmados através de um filtro vermelho, de esqueletos no Hall of the Late Dinosaurs (American Museum of Natural History), enquanto Smithson cita Beckett; e imagens de mapas antigos e recentes da América do Norte e da região de Great Salt Lake. Um mapa recente de Great Salt Lake funde-se na água de um cor-de-rosa avermelhado do próprio lago, enquanto são mostradas fases da construção: o projecto inicial de Smithson, a recolha e ajuntamento das rochas e a feitura da superfície do molhe. Imagens e sons do equipamento de movimentação de terras são entrecortados ritmicamente pela ondulação silenciosa das águas rasas. A segunda parte do filme é quase inteiramente constituída por imagens aéreas em torno do molhe enquanto Smithson, fora do ecrã, em voz *off*, grita ordens e o refrão "lama, cristais de sal, rochas, água". A seguir, Smithson é filmado por



trás a correr ao longo do molhe. Quando inicia o regresso em direcção à margem, o helicóptero sobe em espiral, acabando por perder Smithson de vista. Não há filmagens a partir do molhe. O filme termina numa sala de montagem, com a câmara a efectuar um *zoom* num fotostato a preto e branco, pregado na parede, do *Spiral Jetty*.

***Filmes da Colecção Fundação de Serralves,
Museu de Arte Contemporânea, Porto***

[\[↑ Voltar \]](#)